

GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Dezenove, n.º 36

ESPINHO

Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Propriedade da Empreza GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR

24—RUA DE S. CHRISPIM—26—PORTO

Editor: —Jerónimo Alves Moreira

Carestia da vida

Dos males e flagélos que torturam a humanidade vêem a superstição e a má fé, por via de regra, tornar responsáveis pessoas e entidades que nada têm a ver com caso. Acontece sempre que seraficos sacerdotes da igreja atribuem á impiedade e aos pecados dos humildes servos de Deus o castigo do céu, traduzido em peizados flagícios e tormentos que martirisam o corpo e amarguram a alma.

São os vossos crimes!—bradam os furibundos pregadores,—é a falta de religião o que determina a fome, a peste e a guerra!...

Estes prégoeiros da omnipotencia divina concebem, em verdade, um deus á sua imagem e semelhança. Um deus de vingança de rancôres, um jupiter tonante a dardejar raios e coriscos!

Agora é a Republica quem tem a culpa de quanto de mau por ahí appareça. Como no tempo do absolutismo vão ao milho os paradas... por causa dos Cabraes!

A Republica ofendeu e agravou Deus, metendo-se nas congruas dos padres, e aí temos a fome a bater-nos á porta,—porque Deus assim o determinou para que nos arrependessemos e chamassemos de novo a monarchia e os jesuitas, essas duas chagas que depauperando e bestialisando o povo, deixavam os padres medrar á vontade.

Vem isto a apêlo para pôr de sobreaviso as gentes de que cêdo virá dizer-se que é por causa da Republica que vem o mau tempo e que, por viad'este, estamos na iminencia dum ano de carestia atenta a má catadura com que se apresen-

tam as novidades da futura e proxima colheita.

Há-de, porem, a Providencia acudir-nos com a sua misericordia infinita.

E' certo que o milho e o centeio têm subido excessivamente de preço no mercado. A vida das classes pobres torna-se difficil.

O governo da Republica, que não é responsável por este facto, tracta, porem, de remediá-lo decretando a importação e a venda em condições razoaveis daqueles cereais.

Positivamente, esta medida não remedeia de toda a crise.

O lavrador vae sofrer um desfalque consideravel nos seus parcos rendimentos, que lhe custam boa soma de trabalho e de sacrificios. Paciencia!—do mal, o menos.

Como o ano que corre outros infelizmente tem havido ingratos para a lavoura.

A atenção dos poderes constituidos para as necessidades dos administrados deve exercer-se na medida de beneficiarsempre maior numero. E assim se impõe minorar a afflictiva situação daqueles que carecem do pão e precisam de comprá-lo por preço razoavel.

Bem avisado anda o governo apressando-se a resolver a crise da carestia dos cereais pela forma estabelecida já isto é, decretando a importação e a venda dos generos, de modo a evitar a fome de muitas familias.

Não se queixem, agora, os lavradores da resolução do governo. A culpa é só do mau tempo.

E que Deus nos valha, como pae de misericordia.

E surpreendem-me esses abades em fuga, porque depois de tudo quanto eles disseram ao povo, julgava-os, não direi já invulneraveis, mas pelo menos com mais alguma coragem civica.

E' verdade que eles fartaram-se de pregar por toda a parte, desde as igrejas ás tabernas, que Deus estava mal com a Republica, dando por isso todo o seu apoio e valimento á monarchia; que o povo podia contar com ele, porque ele a isso se comprometera, não sei já quantas vezes, para com os bispos e os padres portugueses; que a vitória, com Deus por general, seria inevitavel.

«Deus não dorme, exclamavam eles; Deus não abandona nunca os seus filhos, nem se deixa vencer pelo Diabo.»

O diabo, claro está, era a Republica, eramos todos nós, os republicanos.

Para maior certesa na vitória e mais completo auxilio do Senhor Deus dos exercitos, esses padres fizeram distribuir medallhas e reliquias; espalharam folhas com a imagem da Virgem e orações infalveis; gravaram em estanho e aluminium o coração de Jesus; mandaram confessar e comungar os guerreiros; pediram a benção dos seus bispos e só depois de todos assim apetrechados, é que se resolveram a entrar em campanha, atacando por todos os lados a Republica, que por esse modo se viu com padres armados ao norte e ao sul, a oriente e a occidente, nas cidades e nos campos, dentro do pais e no estrangeiro.

Ora, pelo que nós temos lido e ouvido, pelo que diz a Biblia e a Historia Ecclesiastica em materia de milagres, sabemos que quando a intervenção de Deus assim é reclamada, por gente de tão alta gerarquia, os milagres são tantos, saltam em tamanha quantidade, que mais facil é fazê-los que contá-los.

Sempre que Historia narra casos desses, os padres tornam-se invulneraveis, os exercitos invisiveis e se algum dos guerreiros de Deus é preso, o menos que acontece, é ficarem logo cegos os que se atreveram a pôr-lhe a mão. Em muitas dessas guerras, de que está cheio o passado, apparecem os anjos, armados de lanças e espadas flamejantes, levando tudo de vencido.

Noutras é Deus, o proprio Deus, que surge, terrivel, vingador, e o menos que ele faz aos que combatem, é abrir-lhes a terra e envia-los ao inferno, de presente ao Diabo. Haja vista o que ele fez, lá nos campos do Ourique, com o compadre Afonso Henriques...

•

Olhando nós agora por todos os campos e montanhas, por todas as vilas e aldeias onde se enrincheiraram os amigos da monarchia e da igreja, nma coisa, seguramente, se constata: a vergonhosa derrota dos seus soldados e o tremendo fiasco da sua causa.

Tudo debandou, tudo fugiu. E se fossem só os leigos que o fizessem...

Mas não, foram tambem os padres.

Eles, que deviam dar o exemplo, mostrar coragem e grandeza

moral, indo á frente, com a cruz alçada e o hissope na mão, ou fugiram, vergonhosamente, ou deram entrada nas cadeias, cobertos de pó e de suor, com o rabo cheio de pontapés.

De nada lhes valeram as rezas e as promessas; para nada serviram as medalhas e os bentinhos.

Tudo o que appareceu ou appareceu tapona ou deu aos calcanhares, como faz toda a gente quando foge.

Desde Valença, lá no Minho, até Santa Maria, lá no Algarve; desde a costa maritima á fronteira, não houve nada que denotasse a intervenção do ceu.

Não houve nm padre invulneravel—apesar de tantos que se armaram; não ressuscitou nenhum guerreiro, (e todos sabem o bem que isso faria á causa); Deus, que prometera tanto, nem sequer se mestrou; nenhum anjo desdobrou as azas brancas, nenhum santo appareceu a confortá-los, nesses momentos graves da refrega onde eles, coitados, não sujaram apenas a sua fama...

E comtudo, nunca houve, para isso melhor occasião.

E se não, vejamos: Deus em furia com os republicanos e a Republica; as igrejas fechadas; os jesuitas no desterro, a falar para o ceu, a acirrar contra nós todas as forças do infinito, desde S. Cristovam, o brutamontes, até S. Lembro, o piolho; as proprias armas vindo santificadas das officinas catholicas-romanas pertencentes ao governo espanhol, igualmente catolico e romano; o papa, não cessando de rezar e enviar graças; as gazetas catholicas de todo o mundo, ao serviço de Deus, fazendo crer que a nosso opposição seria inutil; D. Manuel e D. Amelia não sainda do côro, a fazer penitencia; D. Miguel, prometendo que, restabelecida a monarchia, restabeleceria tambem a guilhotina, garantindo assim a toda a côrte do ceu que não ficaria, para casta, um unico dos seus inimigos, que o são tambem da mesma côrte.

Pois nem assim. Nem depois de todo este aparato, nem á vista de todas estas circunstancias, tão favoraveis para a causa monarchico-divina, ocorreu o mais insignificante episodio, pelo qual, de futuro, se podesse constatar a existencia do prodigio, nesta aventura ganhs pelos inimigos do Senhor.

Antigamente, por bem menos do que isto, o sol parava, os rios abandonavam os leitos, as montanhas abriam-se, os raios caiam do ceu e do inferno vinha cá para cima, aos gorgolhões, imensa quantidade de enxofre que se espalhava no campo do inimigo, ofocando-o ou pondo-o em fuga.

Uma vez, só porque um deslavado qualquer não quiz dar, não sei quanto de milho a um padre, abriu-se o chão, saíram chamas, tremeu a terra, cairam estrelas, ele sumiu-se num turbilhão de fogo... Houve o diabol!

Por pouco não acabou o mundo.

Pois desta vez nem um sinal. Nem um sino a tocar, alta noite, sem corda e sem badalo como é vulgar nas nossas cronicas, nem nma lampa a arder, sem

azeite no bico, como antigamente acontecia em todas as igrejas e conventos; nem uma imagem humida de choro, como sucedia a nma lá da minha terra, enquanto eu fui pequeno.

Nada, absolutamente nada! Porque? Quem me explica este novo fenomeno?

Não por mim, mas pelo povo que ouviu e creu, vale talvez a pena explica-lo.

Thomaz da Fonseca

COMENTARIOS

Será verdade?

Conta «O Mundo» que numa reunião de conselho de ministros, ultimamente havida, se tratara da escolha de novos governadores civis para certos districtos, entre outros, o de Aveiro.

Não nos consta que o actual governador do districto insistisse agora pela sua demissão. Só por este modo se explica a resolução do governo—pedindo o sr. Ribeiro de Almeida a sua exoneração. Se tal acontece, lamentamos o facto por que o sr. Ribeiro de Almeida merece toda a confiança dos republicanos do districto.

O jogo

Desejamos que neste assunto, o Governo da Republica adotasse, ao menos, a moralidade do Sapateiro de Braga.

O sr. Governador civil de Aveiro—honra lhe seja—mantem uma atitude digna e coerente, reprimindo, a serio, dentre dos limites da sua jurisdicção o jogo de azar.

Mas, sendo a republica um governo de egualdade e de justiça, mal se concebe como ainda se tolere o jogo noutras partes, incluidos os centros populosos. Chega o desplante até ao reclamo e anuncios dos jornaes.

Vamos a isto: ou liberdade ou tolerancia? A lei é igual para todos e deve ser a mesma em todo o paiz.

Dr. Afonso Costa

O eminente estadista, que foi a Traz-os-Montes em serviço da sua profissão de advogado, foi, durante o seu percurso por aquelas regiões, alvo das mais entusiasticas e vibrantes aclamações. As saudações ao Dr. Afonso Costa significam bem a glorificação da Republica. O talentoso auctor da Lei de Separação teve mais uma vez um optimo ensejo de avaliar que a democracia lançou em Portugal vigorosas raizes, mercê do generoso impulso que o illustre estadista soube imprimir-lhe com a promulgação de leis e a fixação de principios, rasgadamente liberaes e amplamente republicanos.

O dr. Afonso Costa na sua passagem por Espinho, foi muito comprimado pelos amigos que souberam da sua digressão.

O illustre cidadão regressou, na ultima sexta-feira, dirigindo-se á sua vivenda da Serra da Estrela.

Padres castigados

O abade de Morelos (Feira) e o

Propaganda

democratica

«A Montanha», valente paladino das ideias democraticas, publicou, no seu numero de sexta-feira ultima, um artigo de Thomaz da Fonseca, que nos apraz transcrever. Nêle se explanam verdades, que todos sabem decerto, mas em que é preciso meditar. O artigo vem subordinado á epigrafe suggestiva

«Os padres e a Incurião»

Não sei se tambem já repararam numa coisa, que muito me tem surpreendido e continúa a surpreender.

Em todos os jornaes que tenho lido, depois da ultima tentativa monarchica, sejam eles embora dos mais humildes da provincia, em nenhum deles falta o caso picaresco, a nota hilariante dum abade que se prende, agachado nas quintas ou galgando as encostas, com os bolsos carregados de pistolas e cartuxos.

cura ou capelão da mesma freguezia foram ultimamente castigados por determinação do ministerio da justiça.

Em resultado da rebeldia daqueles sacerdotes fica temporariamente aquella parochia privada do exercicio do culto catolico, a falta de ministrantes.

E por este teor que, os padres *formentam* a religião de Cristo?... Eles assim o entendem.

O professor primario

Em muitas freguezias, o professor primario é indecorosamente perseguido pelos reaccionarios.

Eles, os *amigos de Deus*, bem entendem que o professor, mensageiro da luz, os prejudica na obra de trevas.

Em Paramos, aqui perto de nós, toda a propaganda de beatos e beatas é feita insistentemente no sentido de desviar as creanças das escolas.

E alguma coisa conseguem com as suas lóas de discipulos de Loyola. Para isto ha só um remédio—decretar com rigor, o ensino obrigatorio.

Ecos da incursão

Começaram, de facto, a funcionar os tribunaes marciaes,

Em Chaves, onde já se instalou um tribunal de guerra, foi julgado o primeiro conspirador, por ocasião da malograda incursão—D. João de Almeida.

A sentença condenatoria e os incidentes do julgamento são casos demais conhecidos do publico para que nos poupemos a tarefa de reeditar o relato.

Sob o titulo suggestivo de *Restos da couceirada* publicou *O Mundo* de quarta-feira ultimo as curiosas informações, que a seguir transcrevemos e que se referem a acontecimentos ocorridos em varios pontos do pais.

Na Figueira da Foz

José Jardim foi ontem ali preso

Este conhecido cacique dos districtos de Coimbra e de Leiria foi ontem de tarde preso na Figueira da Foz por determinação das autoridades militares, parece que sob a acusação de suspeitas de aliciador de conspiradores. Ficou detido no quartel de artilharia 2. José Jardim era o governador civil do districto de Coimbra quando se proclamou a Republica e tinha sido por mais de uma vez governador do districto de Leiria. Logo depois da proclamação da Republica publicou nos jornaes uma declaração de que a sua gente se mantinha firme e unida. Quando se falou de conspiração no districto de Coimbra pela primeira vez, andou com entendimentos com o medico Freire, de Penella, e com Francisco Ramalho, de Condeixa, e, ao mesmo tempo que estes davam entrada na Penitencia de Coimbra, elle ausentava-se para o estrangeiro. Era o protector e amigo de Gaspar Matos, um dos heroes da Azoiá, agora fugido, que, quando governador de Leiria, fez ao mesmo tempo, conservador do registo predial, professor do liceu, commissario de policia e administrador do concelho

FIGUEIRA DA FOZ, 30. A requisição do capitão de infantaria n.º 7 sr. Julio Lage e de um policia da judicaria, foi esta noite preso pelo regedor Veiga, o conhecido monarchico dr. José Jardim, que foi governador civil dos districtos de Leiria e de Coimbra. O preso encontra-se no quartel de artilharia n.º 2 e consta que será amanhã removido para Coimbra. Do interrogatorio a que o dr. José Jardim foi sujeito nada transpira, mas afirma-se que elle está implicado na conspiração. A busca domiciliaria ainda não se realizou em virtude de não ter chegado a

tempo a licença do juiz da comarca.

Em Vila Franca

Como consequencia de uma busca foi presa uma filha do conde de Cascais

VILA FRANCA, 30 — Ontem realizou-se uma busca e a casa do conde de Cascais, sendo apreendida a correspondencia comprometedora. Depois de vigiada em Lisboa foi aqui presa uma sua filha sr.ª D. Constança Telles da Gama.

Em Povoá de Lanhoso

Prisão de quatro Conspiradores aliciados

POVOA DE LANHOSO, 30 — Foram presos e conduzidos sob custodia para a cadeia de Braga, como medida de segurança, quatro conspiradores aliciados. Até hoje o administrador ainda não se preocupou em saber quem foi o mandante que anda muito despreocupado por ahi. Nesta vila ha mais conspiradores que andam á solta.

Em Faro

Presos postos em liberdade

FARO, 30.—Por nada se ter provado contra eles, foram ontem postos em liberdade José Vaz de Mascarenhas, Joaquim Mascarenhas Netto, padre João Carlos de Oliveira Mendonça, João José Freire, Raul Carlos Freire e Mario Ciriaco, presos em Silves em 16 do corrente por suspeita de conspiradores.

Em Chaves

O julgamento de um conspirador ficou adiada

CHAVES, 30.—O julgamento do conspirador Marcelino Parreco que estava marcado para hoje o dia 6 de agosto. O tem retirou o destacamento de infantaria 13. Hoje retirou artilharia 4 e o destacamento de infantaria 6.

Em Tuy

Apreensão de bombas explosivas em casa de um conspirador português

TUY, 30. — As autoridades apreenderam numa casa de hospedes, onde ultimamente estiveram alojados uns portugueses, uma mala abandonada que continha varias bombas explosivas.

Em Braga

Dois prisões — Julgamentos de conspiradores

BRAGA, 30.—Foram hoje presos um conhecido clinico, que ha tempos se tinha ausentado, e o arrendatario de um café da Arcada, ex-empregado municipal, que tambem ha pouco se ausentara. Foram conduzidos ao commissariado de policia, seguindo pouco depois em automovel para Vieira com o administrador do concelho. A manhã começam em Cabeceiras de Basto os julgamentos perante o tribunal marcial. Aqui em Braga o primeiro réu a ser julgado é o capitalista Albino Pica, de Chaves, um dos principaes autores da rebelião em Cabeceiras.

Varias

A Espanha official e os realistas portugueses

PARIS, 29—Um telegrama de Munich para a *Presse Associée* comunica que, em casa do principe Luiz Fernando, se julga muito natural que o governo espanhol seja favoravel aos realistas portugueses e lhes assegure auxilio e protecção. Declara abertamente o tio do rei da Espanha que o governo espanhol, procedendo assim, defende os interesses de Portugal e salvaguarda, ao mesmo ao tem-

po, a corôa de Affonso XIII e a monarchia espanhola. O principe Luiz Fernando mostra-se deveras inquieto por ver a Espanha entre duas Republicas, e por não ser diferente a importancia que hoje tem o partido republicano espanhol. Acrescenta ainda, finalmente, o telegrama, que lá se fazem votos por que a monarchia seja restabelecida em Portugal.

Prisões em Esposende

ESPOSENDE, 29 — Proseguem as investigações no sentido de descobrir os individuos comprometidos na conspiração. Dirige-as o distincto militar sr. alferes Oliveira, de infantaria 5, e não de caçadores, como erradamente informámos, coadjuvado pelo illustre administrador do concelho dr. Fonseca Lima, nosso presado amigo, e pelos dois agentes da judicaria aqui em serviço desde a semana passada. Os trabalhos, não ha duvida, tem sido coroados do melhor exito, mercê da grande actividade desenvolvida pelo brioso official que com muita intelligencia, aliada a inexcedivel rectidão e zelo, sabe desempenhar se superiormente da missão honrosa que acertadamente lhe confiou a Republica, da qual s. ex.ª é um valeroso defensor. Isto dizemos, não com o intuito de lhe sermos agradavel, em homenagem á verdade. A'lem das prisões efectuadas e já noticiadas, temos mais a de um criado do padre Carqueijó das Marinhãs e de um rapaz de nome João Vilas Boas Neto, daquela freguezia, filho de Anibal Vilas Boas Neto, ultimamente preso. Ontem foi dada busca em casa do reitor das Marinhãs, sendo apreendidos documentos de bastante importancia.

Prisão de um conspirador

ESPOSENDE, 30.—Por estar implicado na conspiração de Monsanto, foi ha dias preso Antonio Martins Domingues «O Gananlio das Marinhãs» Está guardado por uma força de infantaria 5 no respectivo quartel.

Exames medico-legais

No instituto de Medicina Legal foram ontem feitos exames medico-legais aos srs Manuel Lucas Torres, proprietario de uma typografia da rua do Diario de Noticias, e Paulo Rosa, empregado no ministerio das colouias, que ha dias foram feridos por ocasião de uns conflictos que tiveram, o primeiro quando se encontrava em Bemfica, e o segundo á porta da Brasileira.

Um conspirador tuberculoso

Deu ontem entrada no pavilhão n.º 2, do hospital do Rego, o conspirador padre José Deonildo Gouveia, preso na cadeia do Limoeiro.

MONDIM DE BASTO, 29 — Registamos com prazer a excelente impressão causada em todo o concelho pela atitude dignamente ponderada e conciliadora, sem exclusão da precisa energia do digno administrador do concelho, sr. capitão Teotónio Sarmento. A opinião republicana está satisfactissima e inteiramente ao lado de s. ex.ª que, ao contrario do seu antecessor, de malfadada memoria, tem em pouco tempo sabido fazer uma boa administração e levantado o prestigio da Republica.

Contra a reacção

No dia 23 do corrente mez, como anunciamos, realizou-se no lugar da Idanha da freguezia de Anta uma festa em honra de S. Vicente Ferrer.

A cerimonia religiosa, em que tomaram parte só pensionistas, atraiu ali extraordinaria concurrencia, havendo sempre a melhor

ordem e o mais entusiasmo da parte do povo.

O numero relato que á Montanha foi transmitido, nos foi enviado particularmente e assim integralmente o publicamos como se segue:

S. Martinho de Anta, 28 — Foi animadissima a festa promovida pelos elementos liberaes da vizinha freguezia de Anta.

Os reaccionarios e todos os seus apaniguados, capitaneados pelos parocos couceiristas que infestam o concelho, que apenas são infames agentes da negra seita jezuitica pozeram em acção todos os meios de que são uzeiros e vezeiros, para impedir a funcção.

O novo paroco de Anta, padre pensionista e pa riota não se achou só, teve com ele todos os sinceros crentes, liberaes e patriotas, a ponto de ser impossivel mecher-se dentro da capela, onde se realisava o acto religioso

Diversos padres pensionistas, vieram ajudá-lo nos actos do culto e entre eles o paroco de Aguas Santas, Francisco de Farinhote.

Pregou o distincto orador sagrado, sobejamente reconhecido pela sua fluencia, que o torna um dos mais iminentes da nova geração o padre Antonio Joaquim Farinhote, paroco de Cepolos em Amarante.

O seu discurso foi um apelo eloquente ao coração e ao patriotismo deste povo.

Não posso deixar de aludir a algumas passagens do seu bello discurso, que calou bem profundamente no espirito do auditorio fazendo-o vibrar intensamente quando disse:

«Ministro de Christo, irmãos nossos no sacerdocio, cansados de vomitar anatemas e de apontarem á execração publica colegas inofensivos, que cometeram o enorme crime de não nascerem capitalistas e de não serem sufficientemente ricos, para poderem dispensar a generosidade de uma republica tolerante e cheia de bondade, armaram em *Guerriheiros da morte*, levando a miseria, o terror e o lucto a povoações inteiras, que a esta hora choram a ausencia e a morte dos seus filhos.

«Calculado aos pés o Evangelho de Jesus, que encerra palavras de piedade e de amor para alterarem e imporem o El-koram de Mahomet, que grita o *crê ou morres*, de todos os fanaticos, apeando do seu trono de gloria a Jesus para ressuscitarem Scila, o monstro romano que só sonhava com listas de proscricção e exterminio, esses padres vingaram transformar as montanhas de Barroso tão cheio de pitoresco e encantos numa Calabria tenebrosa, povoada de desgraçados que se batem com o desespero de homens perdidos, para fugirem a responsabilidade dum crime, a que foram arrastados por sinistros conselheiros. Quem na sombra acendeu e aticou esta guerra fratricida e desumna? A quem attribuir a responsabilidade de tamanha perfidia?

«Ao Evangelho de Cristo não, que o Evangelho é o código mais perfeito, da mais pura democracia, é o protesto mais vivo e eloquente contra todos os preconceitos e privilegios que amesquinham e deprimem a humanidade».

Toda a oração foi ouvida com a maior atenção e periodos houve onde um frémito de entusiasmo se sentiu em todos os assistentes.

Fóra do templo era enorme a multidão, tendo o padre Camilo de Oliveira falando ao povo contra as prepotencias da seita de Loiola mostrando que a felicidade e desenvolvimento da patria estava na Republica.

Dois musicas faziam ouvir os acordes da «Portuguesa» e entusiavam o povo com patrioticas vibrações da «Maria da Fonte».

O povo ficou e satisfeito vitorioso os padres pensionistas desde a sua chegada a Espinho, até á sua retirada para o Porto.

Estralejaram milhares de foguetes e os vivas á Republica foram constantes

Bravo, brioso e liberal povo de Antal Correí dentre vós falsos corifeus do cristianismo.—C.

Razões d'um

CAMPONEZ

Dialogos simples para aldeãos

—Boa noite, Joaquim e companhia.

—Vá entrando, sr. João.

—Então ainda hoje não temos companheiros de palestra, Joaquim?

—Parece que não, sr. João. Mas não faz mal, estou aqui eu e a Albininha.

—Es á bem, mas eu antes queria que estivessem os outros.

—Porque, sr. João.

—Porque eles precisam mais de ouvir o que eu digo do que tu e a Albininha.

—Dizia ontem o sr. João que os que acompanhavam o tal Couceiro ainda são peores do que ele, e isto tem-me feito cismar.

—Eu, parece-me que, se não houvesse aquele homem tambem, não haveria estes barulhos...

—Estás enganado, Joaquim; eu já te disse ontem que este facto tinha que sedar por força. Se não fosse o Paiva Couceiro o chefe seria outro qualquer; assim como se Judas não tivesse vendido Cristo, quem o vendia era o S. Pedro, que ainda assim por três vezes negou conhecê-lo.

E muita sorte tivemos nós em ser ainda assim o Paiva Couceiro o chefe; supunhâmos que era um padre, supõe Joaquim, que era o padre Domingos?

—Então ainda seria peor sr. João?

—Quanto peor meu amigo! Pois eu não te disse já que os membros da quadrilha, á semelhança da do José do Telhado, são mais perigosos do que o chefe?

—Mas, que diabo, sr. João, ainda assim, os padres não têm feito o escauceu que tem feito o Couceiro!...

—Tu que dizes, Joaquim? Como tu e todos os que assim pensam estão a laborar num erro de palmaria fica sabendo, Joaquim, que se não fossem os padres, o Paiva Couceiro não estaria na Galliza, não seria um traidor á Patria, não seria um miseravel canalha, que não terá descanço em parte alguma.

—Mas não foram os padres que para lá o mandaram, sr. João...

—Não foram os padres? Então quem diabo foi? Quem anda ele a comandar? Quem lhe fornece o dinheiro? Não serão os padres e os criados dos padres? Já por acaso ouviste dizer que lá andasse o Julio de Vilhena, o Teixeira de Souza, o Campos Henriques, o José de Alpoim e outros chefes dos bandidos monarchicos que se desfizeram com a proclamação da Republica? Não. Só ouvés dizer que andam lá o Paiva Couceiro, os padres e os criados dos padres? Por conseguinte, onde está o perigo? Onde está o assassino, o membro da quadrilha couceirista? Não sabes onde está, Joaquim?

—Não sei, sr. João.

—Está ali em cima, Joaquim, a morar numa boa casa de que não paga ainda aluguer.

—O nosso, abade sr. João? Não consta que ele por enquanto se tenha metido em nada.

—Mas não aceitou a pensão, estôrva a organização da cultural, diz que quem fôr casar pelo registo civil se não fôr a igreja fica amancebado, e só por isto, é um padre perfeitamente igual aos que andam na Galliza a abusar de crianças de três anos; igual aos padres de Cabeceiras de Basto, que desgraçaram centenas de familias.

Por causa d'esses infames, quantos filhinhos estão sem pai, quantos pais choram amargamente a sorte dos filhos, quantas espôas esperam pelos espôos queridos que foram iludidos pelo padre, para nunca mais—ouviste Joa-

quim?—nunca mais voltarem. E de quem foi a culpa de tudo isto? Da Republica? Não; a Republica fez-se sem sangue; todos continuaram nos seus trabalhos, E ainda no ultimo ano a Republica isentou do pagamento de decima predial um milhão de pequenas lavradores. Quais foram, portanto, os culpados? Os padres, e unicamente os padres! Quem matou o administrador de Cabeceiras de Basto? Capaz desse crime Joaquim só padres, porque estes não teem amor a pessoa alguma.

Não precisas, Joaquim, de ir a Cabeceiras ou á Galiza para conheceres o padre que se fez acompanhar de quinhentos homens para matar um. Olha para o desta freguesia, olha para todos os padres, que todos são padres Domingos! Todos mataram o administrador de Cabeceiras de Basto, todos desgraçaram milhares de familias, que não tem pão, todos mataram um pobre guarda-fiscal quando dormia, roubando-o a seguir; todos mataram aquele major reformado e aquele humilde regedor que estava no seu posto. Todos os padres de todo o mundo fizeram fogo em Chaves para um hospital onde havia feridos! Um hospital, Joaquim! uma casa de misericórdia, casa sagrada que até os negros selvagens na Africa respeitavam. E queres saber, Joaquim, o que todos os padres virão um dia a fazer? Disparam todos um só tiro e matam o proprio chefe da quadrilha, assassinam o Paiva Couceiro. Até sãp capazes de se matarem uns aos outros.

—E não se podia acabar com essa raça maldita, sr. João?

—Não, Joaquim, infelizmente, por enquanto é cedo, porque o nosso pobre povo, pelo menos uma grande parte, entende que não pôde passar sem esse roupêta, negro por dentro e por fó.a. Mas eu creio, Joaquim que num dia que já esteve mais longe a humanidade possa, como disse Guerra Junqueiro, enxotá-los do glôbo em 24 horas. E agora meu bom Joaquim e Albininha, vou-me embora, que já é tarde; e eu hoje estou bastante nervoso, preciso descansar.

—Por isso se dás licença, eu retiro-me, sim?

—Ora essa, sr. João, á vontade, o que eu quero é que não falte amanhã que é para dizer isso que disse hoje. aos talassões; se eles vierem.

—Não faltarei. Até amanhã, Joaquim.

—Adeus, sr. João.

João da Eira.

A NOSSA CARTEIRA

Dr. José Bessa de Carvalho

De visita a esta praia chegou aqui na quinta-feira ultima o nosso prezado amigo Sr. Dr. José Bessa de Carvalho, que seguiu para Fiaes, onde se encontra sua ex.^{ma} familia.

O Sr. Dr. Bessa de Carvalho conta regressar hoje a Lisboa.

—Passou o dia de anos, em 2 de agosto, de Alberto Bessa de Carvalho, filho dilecto do Sr. Dr. Bessa de Carvalho. Parabens.

—Com sua ex.^{ma} familia encontra-se em Espinho, o Sr. Augusto Brandão, nosso estimado correligionario.

—Tambem fixou residencia em Espinho, com sua ex.^{ma} familia o nosso prezado amigo e correligionario Sr. Manuel Ferreira dos Santos Pinho.

CASOS E NOTICIAS

O tempo e o mar.—O tempo vae ainda desabrido. O mar, por vezes agitado, tem sido pouco amigo dos pescadores.

Banhistas.—Nota-se dia a dia,

mais afluencia de banhistas. Nos ultimos dias a colonia espanhola appareceu mais numerosas. Egualmente vem chegando muitas familias portuguezas.

Administrador do concelho.—Tendo pedido a exoneração, que lhe foi concedida, o administrador efectivo deste concelho, foi nomeado para aquele cargo, o nosso prezado amigo Sr. Antonio Montenegro dos Santos.

A posse realizou-se no dia 27 de julho ultimo pelas 3 horas da tarde. Apesar de não ser divulgada a nomeação, ao acto compareceram muitos amigos do Sr. Montenegro dos Santos. Foi-lhe conferida a posse pelo administrador demissionario, trocando-se no momento uma affectuosa permuta de saudações.

Camara Municipal—O sr. Governador civil do districto reorganizou a comissão municipal administrativa deste concelho, reconstituída do seguinte modo:

Efectivos—J. Pinto Coelho, Alberto A. Dias Milheiro, J. Marques dos Santos, Avelino Vaz, J. de Sá Alves de Oliveira, José de Carvalho e J. F. da Silva Guetim.

Substitutos—M. F. dos Santos Pinho, Alberto Delgado, Julio Mourão, Antonio Cruz, João Cirne de Madureira, Carlos de Figueiredo e Manuel Alves Lima.

A nova comissão tomou hontem posse, realisando a sua sessão, de que daremos extracção no proximo numero.

Falecimento—Faleceu em Santo Ovidio, (Gaia), suicidando-se, o sr. João Costeira, bemquisto capitalista, que por largo tempo foi hospede de Espinho. Era sogro do nosso bom amigo e prestimoso correligionario sr. João de Nunes de Almeida, a quem apresentamos, bem como ao resto da familia enlutada a expressão sincera das nossas condolencias.

Assembleia de Espinho—Inaugurou-se no dia 1 d'agosto a epoca de diversões deste importante gremio recreativo. A assembleia de Espinho, agora sob os auspicios de uma nova sociedade proprietaria, passou por notaveis transformações, melhorando os serviços internos, debaixo de uma nova direcção economica.

A assembleia deve manter as suas tradições de primeiro salão de reuniões da boa sociedade de Espinho, atraindo, mais do que nunca, a frequencia das principais familias que veraneiam em Espinho.

Agradecemos, penhorados, a gentileza do cartão de admissão.

Choque de comboios—Na estação da Feira, deu-se na sexta-feira á tarde, um choque de comboios da linha ferrea do Val do Vouga.

Determinou o desastre um erro de agulhas, segundo nos informam. Alem de prejuizos materiaes e atraso de movimento, não houve, felizmente, desastres pessoas, de vulto, a lamentar. Apenas alguns empregados e passageiros sofreram ligeiras contusões.

Touros—Deve realisar-se hoje a corrida de touros, que fôra annunciada para o domingo transato. A corrida deixou de dar-se naquele dia, porque o tempo o não permitiu.

Cinematografos—Decorreu com regularidade e muito frequentadas as sessões cinematograficas dos Salões Avenida e Peninsular.

Pollcia—Para a manutenção da ordem e policiamento da povoação encontra-se e está instalado em Espinho, um destacamento de pollcia civil do Porto.

Teatro Aliança—Realisa-se um espectáculo promovido pelo Club Alegre Mocidade de Espinho em beneficio das suas escolas—Dramatica e Musical, dedicado á distinta colonia balnear.

Um conspirador estrangeiro

Um ponto do interrogatorio de D. João de Almeida merece reter a nossa atenção. Foi quando o conspirador, amigo e socio de Paiva Couceiro, respondeu ao presidente do tribunal militar que nascera em Lisboa mas que se naturalizara austriaco. Esta declaração sugere flagrantes considerações. Pois quê? O homem que se propunha derrubar as instituições que os patriotas portuguezes implantaram e defendem é um portuguez que renegou a sua patria Com que direito esse estrangeiro procurava intervir nos destinos de Portugal? Que tinha ele com Portugal? Pois não trocou o seu país por um outro? Durante longos anos, esse homem esteve alistado num exercito estrangeiro, esteve a serviço de um país que um dia podia encontrar se em conflito com a terra que lhe foi berço. Nunca teve um ramorso da sua acção abominavel. Sim! Abominavel, porque renegar a Patria, quebrar os vinculos que a ela nos prendem, é o mesmo que desprezár uma mãe. E um dia chega em que esse portuguez renegado se lembra de que nasceu em terra portuguesa, —para quê? Para entrar nela de armas na mão, para a dominar, para a subjugar á sua vontade, para matar, para escravisar portuguezes que nunca tiveram outro culto que não fosse o da Patria, e atravez de todas as lutas e de todos os sacrificios procuraram e procuram, com infinito amor e fé infiota, regenerá-la, engrandecê-la pela liberdade! Era este o homem que falava em patriotismo—ele, que repudiara a sua patria! Era este o homem que queria intervir nos destinos de Portugal, insultando, ameaçando, dispondo-se a trucidar os que nunca deixaram de ser portuguezes! Seria inacreditavel de audacia e de cinismo, se não fosse autenticamente verdadeiro, se não fosse ele proprio que dissesse, como a coisa mais natural do mundo, que era um austriaco naturalizado que queria sobrepôr, com o seu braço, estrangeiro, a força de armas estrangeiras á vontade dos portuguezes.

Mayer Garção

COLABORAÇÃO ALHEIA

A VOZ DA CONSCIENCIA

(Ao meu amigo Roberto Fernandes)

A tarde morria lenta e triste. As aves embaladas pelo perfume que paira nas alturas, voavam, apressadas, a posar nos pinheiros. O lindo trinado da cotovia, o canto pateado do rouxinol, e o assobio penetrante do melro perdiam-se, ao longe, nos extensos valles, orvalhados por uma chuva miudinha, como as lagrimas das creanças que dormem despreocupadas no berço amigo. Mas, em breve tudo ficou calado, como á noite, o cemiterio. Então a Natureza pareceu ficar muda e triste, parecia até chorar lagrimas de saudade, dessas lagrimas que o amante chora, quando vê despendar-se da Vida a mulher, a cujos labios ia libar muitas vezes, louco d'amor, o mel que nos adoça a bocca e nos amacia a alma—beijos cantantes. E eu, ao vêr a dôr amarga da Natureza, quiz sofrer tambem talvez por um instinto de simpatia, e corri a vêr o Mundo do cimo duma montanha. Voei alto como as aguias, trepei até longe, e volvendo os olhos para todos os lados, via-me cercado por cadeias de montanhas onde só habitam lobos... E a minha vista espraiava-se pelas aguas do mar revolto, pelas campinas em flor, mas debalde podia vêr a origem de tanta dôr e tristeza que vagueavam, errantes pelo espaço. O' lagrimas que então chorei, orvalhai,

de quando em quando, a minha fronte cansada de pensar no ceu, refrescai os meus labios seccos e descorados de tanto blasfemar contra os homens; ó lagrimas abençoadas e humidas, abrandai a dôr que me tortura o peito, arruinado de tanto bradar que haja um só Paiz, um só Dominador e um só Codigo singelo, acabando com as tradições e derrubando as fronteiras. Eu quero ser livre, tenho direito a vêr o que se passa por esse Mundo além: quero chorar quando meus irmãos chorarem, quero sofrer quando meus irmãos sofrerem e quero cantar quando meus irmãos tambem cantarem. Tudo o que vigora é contrario á nossa razão, embargando a voz no peito. Eu quero um ideal que tenha por fim a Paz e por principio o Amor, ideal que faça renascer as artes e os artistas... Pois quanta creança nua ao desamparo, a viciarse nos becos mais escuros, chegando a roubar para matar a fome! E' que ainda hoje o homem é escravo do proprio homem. O pobre não tem direito á Vida e é tratado como animal de carga. O rico envergonha-se de estender a mão a um homem rôto mas honrado. Em face desta tragedia tão grande eu revolto-me sem querer, e então pergunto a mim mesmo:

—Quem sou eu?
A consciencia responde-me numa voz clara e forte:

—E's pó, és isso olhando por ti abaixo.

Desesperado eu volto a dizer, vociferando palavras ignominiosas:

—Consciencia, não me mintas, sou ou não sou alguma cousa?

Penso ou não penso?

Então ella responde-me:

—Sim, és alguma cousa, porque és mais que pó —és barro. Porém se quizeres ser carne concretisa o teu ideal, abatendo a tirania.

—Mas... como, se eu não tenho o dom de palavra como Pedro Eremita para convencer o povo?— respondi eu.

—Como? volve a voz da consciencia—revoltando-te.

—Porem, para aquelle que se revolta ha um castigo só — a morte.

—Embora. Quem morre batalhando é destemido e forte. E sabe desde já, desgraçado, que mais cedo ou mais tarde, o sangue da vitima reclama vingança. Mas se és fraco e te atemorizas deante da sombra do teu corpo, então vive, espera e crê!...

...Era já tarde. Lá, ao longe, no poente ensanguentado já não se avistavam vestigios do sol. A lua amortalhava a terra com o seu veu leve e transparente de prata, e as estrelas brilhavam no firmamento, como espias na fronteira e eu vim descansar a minha fronte sonhadora no peito macio d'algum. Esse algum era a sepultura onde dorme a minha amada.

Espinho,

José Soeiro

EDITAL

O cidadão Joaquim de Sá Alves de Oliveira, vereador servindo de Presidente da Camara Municipal de Espinho.

Faço saber que, em virtude da de iberação desta Camara, ha de ir a lançar com a maior publicidade na sala das sessões dela pelas 13 horas da manhã, do dia 7 do mez de Agosto e se arrematará definitivamente, se assim convier aos interesses do municipio, o seguinte:

O arrendamento do espaço de terreno para um logar de engraxador, no angulo das ruas 14 e 19, junto ao marco postal, até o da 30 de Junho de 1913.

As condições para a sobredita arrematação estaarão patentes na secretaria da Camara todos os dias, a contar da data do presente edital, até ao dia acima annunciado, onde poderão ser examinadas por quem nisso se interessar.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este, que affixado será nos logares publicos do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Espinho, 17 de Julho de 1912. E eu José João Ferreira, secretario, o fiz escrever e subscrevi.

O Presidente,

Joaquim de Sá Alves de Oliveira

Terreno barato

VENDE-SE um proximo da feira (mercado) com 1,533 m² e com trez frentes. Fala-se na estação telegrafo-postal

TERRENO

Vende-se um com 4:000 metros quadrados com frente para rua da Divisão entre E3-pinho e Anta.

Fala-se na Cervejaria Ferreirinha.

Livros

Na Biblioteca «A Vida» estão á venda os livros abaixo mencionados, os quaes, vendidos deixam uma regular percentagem a favor do nosso jornal. Os camaradas que os comprem ou promovam a sua venda, prestam um bom serviço á propaganda. São eles:

- O Judeu Errante (Eugenie Sue) (encadernado) 1\$800
 - A Judia Errante (em tomos) 500
 - Historia da Revolta do Porto (encadernada) 1\$200
 - A Ideia de Deus (Bruno) (encadernada) 1\$000
 - Loucura de Jesus (encadernada) 1\$000
 - Força e Materia Buchner (brochada) 500
 - As Missas Negras (Dr Jot) (1 volume brochado) 200
 - Quo vadis (« ») 600
 - Historia da Prustituição, (2 volumes brochado) 300
 - Sciencia e Religião, por Malvert (encadernado) 500
 - A questão da Universidade, por C. Lima (encadernado) 500
 - Poema da Juventude (M. Ançã) 1 volume encadernado) 200
 - Os fidalgos da casa Mourisca J. D. nis 2 volumes brochados 500
 - Do Ultimatum ao 31 de Janeiro—Bazilio Telles 1 volume (brochado) 500
 - Vinte Mil Leguas submarinas (J. Verne) (2 volumes encadernados 1 edição) 600
 - Cidade eterna (brochado) 500
- Os pedidos acompanhados das importancias são satisfeitos na volta do correio sendo dirigidos ao secretario da Bibliotheca, G. M. Alves, Rua da Bainharia, 150-2.º Porto.

O MAIS ENERGICO DOS TONICOS E O MELHOR PREVENTIVO DA TUBERCULOSE E A Nuclarrhenina Ferreira

Substitue kolas, quinas, Ferro e emulsões

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS

FERREIRA & IRMÃO S.º

DEPOSITO GERAL 233 R. MOURISCA DA SILVEIRA 233 - PORTO

FRASCO 700 r.^s 6 FRASCOS 4:000

3 Grandes Prix e 3 medalhas d'ouro nas exposições de: Anvers-Barcelona e Paris

CAMINHO DE FERRO DO VALLE O VOUÇA

De Espinho a Aveiro

De Aveiro a Espinho

ESTAÇÕES	1	3	5	7	9	11	ESTAÇÕES	2	4	6	8	10	12
Espinho-Praia	8,20	17,35	20,25	—	—	—	Aveiro	—	—	—	9,40	15,0	19,15
Espinho-Vouga	8,23	17,38	20,28	—	—	—	Eixo	—	—	—	9,55	15,15	19,30
Paramos	8,30	17,45	—	—	—	—	S. J. Loure	—	—	—	10,0	—	19,35
Sampaio-Oleiros	8,38	17,53	20,41	—	—	—	Eirol	—	—	—	10,7	15,25	19,42
Paços de Brandão	8,45	18,0	20,48	—	—	—	Travassô	—	—	—	10,13	—	19,48
Rio Meão	8,51	18,6	—	—	—	—	Cabanões	—	—	—	10,18	—	19,53
S. João de Vêr	8,59	18,14	21,1	—	—	—	C. d'Alvaro	—	—	—	10,23	—	19,58
Cavaco	9,6	18,21	—	—	—	—	Oronho	—	—	—	10,27	—	20,2
Villa da Feira	9,14	18,31	21,14	—	—	—	Agueda	—	—	—	10,39	15,48	20,14
Arrifana	9,24	18,41	21,24	—	—	—	Mourisca	—	—	—	10,49	15,58	20,24
S. João da Madeira	9,29	18,46	21,30	—	—	—	Macinhata	—	—	—	11,8	16,14	20,43
Couto de Cocujães	9,38	18,55	21,39	—	—	—	Sarnada	—	—	—	11,21	16,25	20,56
Oliveira d'Azemeis	9,58	19,17	21,49	—	—	—	Albergaria-a-Velha	J.C. J.P.	7,20	16,50	—	—	—
Ul	10,5	19,25	—	—	—	—	Albergaria-a-Nova	—	7,39	17,6	—	—	—
P. Bemposta	10,27	19,48	—	—	—	—	Branca	—	7,47	17,14	—	—	—
Branca	10,33	16,54	—	—	—	—	P. Bemposta	—	7,55	17,20	—	—	—
Albergaria-a-Nova	10,42	20,5	—	—	—	—	Ul	—	8,19	17,42	—	—	—
Albergaria-a-Velha	J.C. J.P.	10,56	20,19	—	—	—	Oliveira d'Azemeis	5,35	8,36	17,53	—	—	—
Sarnada	—	—	—	6,35	11,5	14,50	Couto de Cocujães	5,48	8,47	18,6	—	—	—
Macinhata	—	—	—	7,4	11,32	15,19	S. João da Madeira	5,58	8,57	18,15	—	—	—
Mourisca	—	—	—	7,23	11,48	15,38	Arrifana	6,3	9,2	18,20	—	—	—
Agueda	—	—	—	7,37	12,2	15,52	Villa da Feira	6,13	9,13	18,32	—	—	—
Oronho	—	—	—	7,45	—	16,0	Cacavaco	6,20	9,21	18,89	—	—	—
C. d'Alvaro	—	—	—	7,49	—	16,4	S. João de Vêr	6,27	9,28	18,47	—	—	—
Cabanões	—	—	—	7,54	—	16,9	Rio Meão	6,35	—	18,55	—	—	—
Travassô	—	—	—	7,59	—	16,14	Paços de Brandão	6,41	9,40	19,1	—	—	—
Eirol	—	—	—	8,5	12,21	16,20	Sampaio-Oleiros	6,48	9,47	19,8	—	—	—
S. J. Loure	—	—	—	8,12	—	16,27	Paramos	6,56	—	19,16	—	—	—
Eixo	—	—	—	8,17	12,31	16,32	Espinho-Vouga	7,3	10,0	19,23	—	—	—
Aveiro	—	—	—	8,31	12,45	16,46	Espinho-Praia	7,5	10,2	19,25	—	—	—

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGAO
ESPINHO

Rua 19 (antiga Pinto Coelho)

Medicos cirurgioes:

J. PINTO COELHO

RESIDENCIA:

Avenida Graciosa, 72

J. CORREIA MARQUES

R. Vaz d'Oliveira, 1

FOTOGRAFIA EVARISTO

Avenida Sêrpa Pinto, 23

ESPINHO

Execução perfeita de qualquer trabalho photographico.

Retratos em todos os generos.

Reproduções de qualquer retrato por mais anexo que seja

Conclusão de trabalhos aos photographos amadores

HORARIO DOS COMBOIOS

Entre Porto e Lisboa

Estações e Apeadeiros	1502 Tramway	1504 Tramway	18 Omnibus	1506 Tramway	52 Rapido	1508 Tramway	1510 Tramway	20 Tramway	1512 Tramway	1516 Tramway	4 Expresso	2212 Recoveiro	1520 T amway	56 Rapido	1522 Tramway	1524 Tramway	1526 Tramway	8 Correo	1528 Tramway	1530 Tramway
S. Bento	0.26	6.0	7.14	7.37	8.39	8.58	10.36	11.25	12.40	14.40	15.49	—	16.14	17.49	17.0	18.0	18.54	19.54	20.45	22.25
Campanhã	0.35	6.10	7.25	7.50	8.48	9.7	10.45	11.40	12.50	14.50	16.0	—	16.23	18.0	17.10	18.10	19.5	20.25	20.55	22.35
General Torres	0.43	6.18	—	7.58	—	9.15	10.53	11.48	12.58	14.58	—	—	16.31	—	17.18	18.18	19.13	—	21.3	22.42
Gaya	0.47	6.22	7.38	8.2	8.59	9.19	11.1	11.56	13.2	15.2	16.11	16.20	16.35	18.11	17.22	18.22	19.21	20.37	21.7	22.46
Coimbrões	0.51	6.26	—	8.5	—	9.22	11.4	—	13.5	15.5	—	—	16.38	—	17.25	18.26	19.24	—	21.10	22.50
Magdalena	0.54	6.29	—	8.9	—	9.26	11.8	—	13.9	15.9	—	—	16.42	—	17.29	18.29	19.28	—	21.14	22.54
Valladares	0.58	6.33	7.46	8.13	—	9.30	11.12	12.5	13.13	15.13	16.19	16.34	16.46	—	17.33	18.33	19.33	—	21.18	22.58
Francellos	1.2	6.37	—	8.17	—	9.34	11.16	—	13.17	15.17	—	—	16.50	—	17.37	18.37	19.38	—	21.22	23.2
Miramar	1.6	6.41	—	8.21	—	9.41	11.24	—	13.24	15.24	—	—	16.54	—	17.41	18.41	19.41	—	21.26	23.6
Aguda	1.9	6.44	—	8.24	—	9.44	11.27	—	13.27	15.27	—	—	16.57	—	17.44	18.44	19.45	—	21.29	23.9
Granja	1.13	6.48	7.56	8.28	9.12	9.45	11.28	12.14	13.28	15.28	16.28	16.45	17.1	18.24	17.48	18.48	19.49	20.53	21.33	23.13
Espinho	1.21	6.56	8.4	8.38	9.18	9.50	11.36	12.21	13.33	15.36	16.36	17.0	17.18	18.30	17.53	18.56	19.57	20.59	21.38	23.18
Pedreira	1.24	6.59	—	—	—	—	11.39	—	—	15.39	—	—	—	—	18.59	20.0	—	—	—	—
Sisto	1.27	7.2	—	—	—	—	11.42	—	—	15.42	—	—	—	—	19.2	20.3	—	—	—	—
Paramos	1.30	7.5	—	—	—	—	11.45	—	—	15.46	—	—	—	—	19.5	20.6	—	—	—	—
Esmoriz	1.34	7.9	8.12	—	—	—	11.49	—	—	15.49	16.44	—	17.28	—	19.9	20.11	—	—	—	—
Cortegaça	1.39	7.14	—	—	—	—	11.54	—	—	15.54	—	—	—	—	18.14	20.16	—	—	—	—
Carvalheira	1.43	7.18	—	—	—	—	11.59	—	—	15.59	—	—	—	—	19.18	20.21	—	—	—	—
Ovar	1.53	7.28	8.27	—	—	—	12.11	12.44	—	16.10	17.2	17.36	—	—	19.28	20.34	—	—	—	—
Vallega	—	—	8.33	—	—	—	12.17	—	—	16.16	—	—	—	—	—	20.40	—	—	—	—
Avanca	—	—	8.38	—	—	—	12.23	—	—	16.22	—	—	—	—	—	20.46	—	—	—	—
Estarreja	—	—	8.50	—	—	—	12.36	13.4	—	16.36	17.20	18.10	—	—	—	20.59	—	—	—	—
Salreu	—	—	—	—	—	—	12.40	—	—	16.39	—	—	—	—	—	21.3	—	—	—	—
Canellas	—	—	8.56	—	—	—	12.43	—	—	16.42	—	—	—	—	—	21.6	—	—	—	—
Cacia	—	—	9.3	—	—	—	12.51	—	—	16.50	—	—	—	—	—	21.14	—	—	—	—
Aveiro	—	—	9.14	9.54	—	—	13.2	13.24	—	17.1	17.43	19.14	—	19.6	—	21.25	21.47	—	—	—
Pampilhosa	—	—	10.12	10.32	—	—	—	14.32	—	—	—	—	—	19.44	—	—	—	—	—	—
Coimbra	—	—	11.35	10.59	—	—	—	15.20	—	—	—	—	—	20.21	—	—	—	—	—	—
Lisboa	—	—	17.55	14.31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	23.44	—	—	—	—	—	—

Entre Lisboa e Porto

Estações e Apeadeiros	1501 Tramway	1503 Tramway	15 Correo	1505 Tramway	1507 Tramway	1509 Tramway	1511 Tramway	17 Tramway	2077 Tramway	51 Rapido	1513 Tramway	1515 Tramway	1517 Tramway	1519 Tramway	3 Tramway	1521 Omnibus	1523 Tramway	20 Tramway	1525 Omnibus	55 Tramway	Rapido	
Lisboa	—	—	22.10	—	—	—	—	—	—	19.5	8.30	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Coimbra	—	—	3.25	—	—	—	—	—	—	8.45	22.10	11.45	—	—	—	9.30	—	—	—	11.36	—	19.0
Pampilhosa	—	—	4.38	—	—	—	—	—	—	9.59	7.59	12.13	—	—	—	16.20	—	—	—	19.30	—	22.10
Aveiro	—	—	5.41	6.0	—	—	—	—	—	11.8	11.24	12.57	—	—	—	17.36	—	—	—	20.48	—	